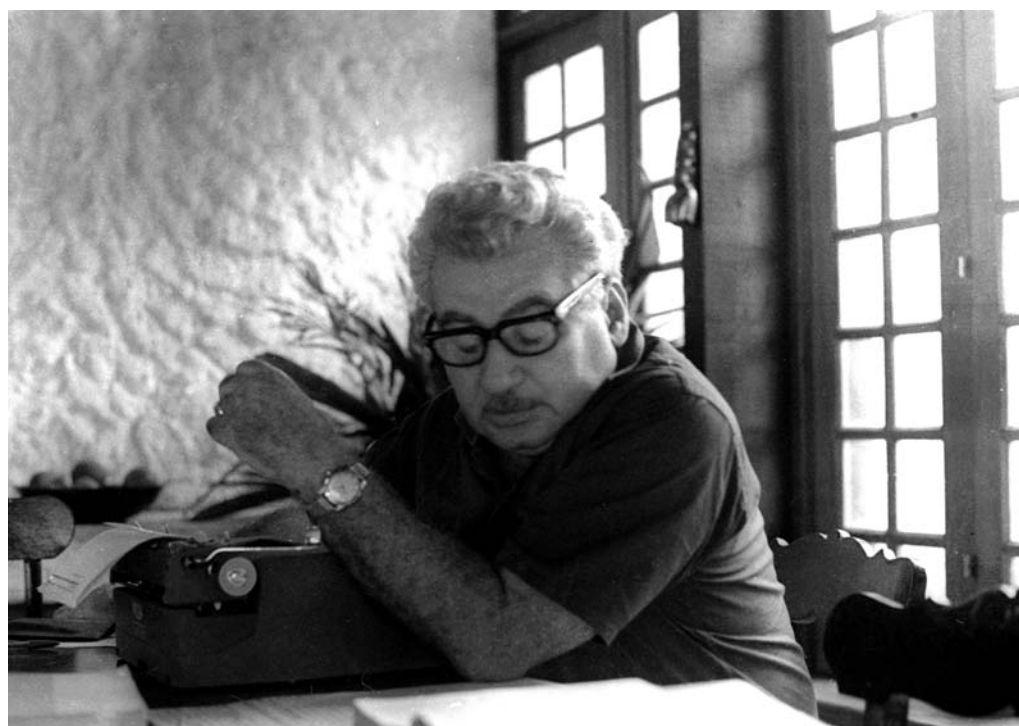


Sociedade em formação:
Terras do sem-fim e Tenda dos Milagres

ARNALDO FRANCO JÚNIOR



Escrevendo *Tenda dos Milagres*, Bahia, 1969

A SOCIEDADE EM FORMAÇÃO É UM TEMA IMPORTANTE na obra de Jorge Amado, presente tanto nos romances da fase sociológica como nos da fase antropológica. A primeira fase vai de *O país do Carnaval* a *Os subterrâneos da liberdade* e se caracteriza pelo vínculo do escritor com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e suas teses sobre a função do artista engajado em causas sociais e na luta pelo socialismo. *Gabriela, cravo e canela* dá início à segunda fase, em que Amado rompe com o PCB e sua visão da função da arte e do artista. Nessa fase, o romancista se volta para o registro dos costumes que caracterizam o hibridismo da sociedade e da cultura brasileiras.

Abordaremos, aqui, o tema da sociedade em formação nos romances *Terras do sem-fim* e *Tenda dos Milagres*. O primeiro é o mais expressivo romance da primeira fase, apresentando um tratamento maduro na abordagem da estrutura social e dos personagens, flagrando contradições próprias da formação sociocultural brasileira. No segundo, um dos mais importantes romances da segunda fase, as mesmas contradições reaparecem acentuadas.

Terras do sem-fim é representativo do **romance de 30** no Brasil e, talvez, a melhor expressão do vínculo de Jorge Amado com o **neo-realismo** característico do **regionalismo** que marcou a segunda geração modernista na literatura brasileira. O romance alterna o relato das trajetórias e conflitos interiores dos personagens com a análise de sua vinculação ao quadro socioeconômico, político e cultural do sul da Bahia durante o ciclo do cacau. Narra a transformação dos povoados de Ilhéus, Tabocas e Ferradas nas cidades de Ilhéus e Itabuna. A ação dramática se passa nesse enclave, regido pelas relações de produção e socia-

ROMANCE DE 30. Categoria de romance que aborda aspectos regionais do Brasil de modo realista, identificando relações entre poder político, estrutura econômica e desigualdades sociais. Iniciou-se com *A bagaceira*, de José Américo de Almeida.

NEO-REALISMO. Movimento que mescla princípios do realismo e do naturalismo do século XIX com uma abordagem crítica vinculada ao marxismo e à psicanálise freudiana.

REGIONALISMO. Expressão artística que aborda realidades regionais. No Brasil, inicia-se com *O gaúcho* e *O sertanejo*, de José de Alencar. No século XX, ganha status de movimento artístico e intelectual a partir do *Manifesto regionalista*, de Gilberto Freyre.



Com Rachel de
Queiroz e
outros do
Movimento de 30

das histórias de latifundiários, aventureiros, jagunços, advogados, prostitutas e trabalhadores pobres cujas vidas se cruzam na ânsia de fazer fortuna fácil com o “fruto de ouro”. Observe:

bilidade vinculadas às oligarquias, pela hierarquia política calcada no poder dos grandes latifundiários (os coronéis) e pela atividade econômica de exportação de matéria-prima (o cacau).

Os coronéis Horácio da Silveira e Sinhô Badaró lançam mão de todo tipo de estratégia — desde simples coação até assassinatos e escaramuças jurídicas — na disputa por mais terras para o plantio de cacau. Esse é o pano de fundo

A árvore que influía em Ilhéus era a árvore do cacau, se bem não se visse nenhuma em toda a cidade. Mas era ela que estava por detrás de toda a vida de São Jorge dos Ilhéus. Por detrás de cada negócio que era feito, de cada casa construída, de cada armazém, de cada loja que era aberta, de cada caso de amor, de cada tiro trocado na rua.

Os homens passavam, calçados de botas ou de botinas de couro grosso, a calça cáqui, o paletó de casimira, e por baixo deste o revólver. Homens de **repetição** a tiracolo atravessavam a cidade sob a indiferença dos moradores.

Quase todos os fazendeiros, médicos, advogados, agrônomos, políticos, jornalistas, mestres-de-obras eram gente vinda de fora [...]

Os navios chegavam entupidos de emigrantes, vinham aventureiros de toda espécie, mulheres de toda idade, para quem Ilhéus era a primeira ou a última esperança.

Na cidade todos se misturavam, o pobre de hoje podia ser o rico de amanhã, o tropeiro de agora poderia ter amanhã uma grande fazenda de cacau [...] E o rico de hoje poderia ser o pobre de amanhã se um mais rico, junto com um advogado, fizesse um **caxixe** bem-feito e tomasse sua terra. E todos os vivos de hoje poderiam amanhã estar mortos na rua, com uma bala no peito. Por cima da justiça, do juiz e do promotor, do júri de cidadãos, estava a lei do gatilho, última instância da justiça em Ilhéus.

Os trechos delineiam a estrutura social vinculada ao ciclo do cacau, presente nos romances *Cacau*, *Terras do sem-fim*, *São Jorge dos Ilhéus* e também em *Gabriela, cravo e canela*. Neles estão presentes dois recursos expressivos — a repetição e a enumeração — que destacam a árvore do cacau, transformada em símbolo dos temas que percorrem a obra: poder, riqueza, esperança, violência. Nessa sociedade, fica evidente a divisão binária entre ricos e pobres. A exploração do cacau é uma promessa de enriquecimento que esbarra nos jogos de poder que privilegiam latifundiários, em detrimento de pequenos e médios proprietários de terras e demais trabalhadores. Os “coronéis” têm dinheiro para manter jagunços, pagar advogados e obter apoio político para tomar a terra alheia. Essa estrutura se reproduz nas cidades de Ilhéus e Itabuna. O último parágrafo aponta a mobilidade social que eleva a condição social de alguns, enquanto conduz outros ao empobrecimento.

Na caracterização dos personagens, em sua maioria **personagens planos**, roupas e acessórios indicam a posição e a função social: botas ou botinas de couro, calça cáqui, paletó de casimira e arma oculta ou à mostra para coronéis, comerciantes, pequenos proprietários e, por vezes, seus jagunços; pés descalços, roupas de algodão para os pobres que trabalham como agregados. A narração em terceira pessoa constrói a verossimilhança realista porque a voz do narrador articula as perspectivas do historiador, do sociólogo e do repórter com a visão do ficcionista. No trecho anterior, o leitor percebe que o narrador-ficcionista suspende a história e cede lugar ao narrador-repórter — que apresenta o contexto —, em parceria com o narrador-sociólogo — que explicita o modo como esse universo se organiza. Jorge Amado articula harmoniosamente essas vozes. Assim, ao acompanhar a narrativa, o leitor vai incorporando dados históricos da formação de nossa sociedade que também emolduram os acontecimentos fictícios do romance.

Com Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir em plantação de cacau em Itabuna, Bahia, 1960

Nessa sociedade, esperteza e habilidade com as armas garantem uma vida melhor. Vejamos dois exemplos: João Magalhães é um jogador de cartas que vai para Ilhéus, fugido da polícia, passando-se por capitão reformado e engenheiro militar. Trapaceiro, ganha dinheiro no jogo e circula entre coronéis. Casa-se com a filha de Sinhô Badaró. Antônio Vítor é um cearense pobre que emigra para ganhar dinheiro nas terras do cacau. Num lance de coragem, livra Juca Badaró de uma emboscada e se torna



seu capanga. Sua trajetória mostra a violência das relações sociais. Ao chegar, ele conversa com dois homens que carregam um defunto e lhe informam sobre o chamado sistema “barracão”, em que o trabalhador nunca consegue pagar as dívidas contraídas com o coronel:

— Tão vendo o finado? Pois bem: fazia pra mais de dez anos que trabalhava nas Baraúnas [...] Passou dez anos devendo pro coronel... Agora a febre levou ele, o coronel não quis dar nem um vintém pra ajudar as meninas a fazer o enterro...

O homem magro considerou:

— Os capangas ainda passam melhor... — Virou para o cearense. — Se tu tem boa pontaria, tu tá feito na vida. Aqui só tem dinheiro quem sabe matar, os assassinos...

— Um cabra certo na pontaria tem regalias de rico... [...] Mas quem só serve pra roça... Tu vai ver amanhã...

[...] o cearense quis saber o que ia se passar. [...]

— Amanhã cedo o empregado do armazém chama por tu para fazer o *saco* da semana. Tu não tem instrumento pro trabalho, tem que comprar. Tu compra uma foice e machado, tu compra um facão, tu compra uma enxada... E isso tudo vai ficar por uns cem mil-réis. Depois tu compra farinha, carne, cachaça, café pra semana toda. Tu vai gastar uns dez mil-réis pra comida. No fim da semana tu tem quinze mil-réis ganho do trabalho. [...] Teu saldo é de cinco mil-réis, mas tu não recebe, fica lá pra ir descontando a dívida dos instrumentos... Tu leva um ano pra pagar os cem mil-réis sem ver nunca um tostão.

REPETIÇÃO. Rifle ou espingarda recarregável automática ou semi-automáticamente.

CAXIXE. Golpe com documentos falsos feitos por advogados e registrados em cartório, que “legalizavam” o roubo de terras pelos coronéis do cacau.

PERSONAGEM PLANO. Personifica uma única idéia e tem baixa densidade psicológica. Define-se como *tipo* quando representa uma categoria social ou função profissional.

Antes de terminar de pagar tu já aumentou a dívida... Tu já comprou mais calça e camisa de bulgariana... Tu já comprou remédio que é um deus-nos-acuda de caro, tu já comprou um revólver que é o único dinheiro bem empregado nessa terra... E tu nunca paga a dívida...

Os trechos mostram nas atitudes das personagens a violência dos poderosos contra os desfavorecidos: “passou dez anos devendo pro coronel” explicaria por que “o coronel não quis dar nem um vintém pra ajudar as meninas a fazer o enterro”. Logo adiante, ressalta-se o contraste dessa situação com a dos capangas: “Aqui só tem dinheiro quem sabe matar, os assassinos...”

“Um cabra certo na pontaria tem regalias de rico...”. No trecho final, o valor estilístico da enumeração e da repetição enfatiza as idéias no texto: a lista de compras reitera a escravização implícita no processo.

O contraste é acentuado pelo paralelismo — retomada de “tu” seguido de forma verbal (cf. conceito de paralelismo no capítulo “Diálogos”, p. 11). Desse modo, também pelo emprego de recursos expressivos, o romance flagra diferenças e semelhanças no destino de ricos e pobres, homens e mulheres, partidários dos Badaró e de Horácio — os mais poderosos coronéis da região.

Os dois homens transpuseram a porta, o negro falou:

— Mandou chamar, coronel?

Juca Badaró ia dizer que eles entrassem, mas o irmão fez um gesto com a mão que eles esperassem lá fora. Os homens obedeceram e sentaram num dos bancos de madeira que estavam na varanda larga da casa-grande. [...] Sinhô Badaró, o chefe da família, descansava numa alta cadeira de braços, cadeira austríaca que contrastava não só com o resto do mobiliário, bancos de madeira, cadeiras de palhinha, redes nos cantos, como também com a rústica simplicidade das paredes caiadas. [...] Mas logo desviou os olhos e fitou o único quadro da parede, uma reprodução oleográfica de uma paisagem de campo europeu. [...] Pastores tocavam uma espécie de flauta e uma camponesa, loira e linda, bailava entre as ovelhas. [...] Bem diferente era esse campo deles. Essa terra do cacau. Por que não haveria de ser assim também como esse campo europeu? Mas Juca Badaró andava impaciente de um lado para outro, esperava a decisão do irmão mais velho. A Sinhô Badaró repugnava ver correr sangue de gente. No entanto muitas vezes tivera que tomar uma decisão como a que Juca esperava naquela tarde.

Detalhes do espaço (cadeiras e quadro) indicam a diferença social entre o coronel e seus subordinados e o contraste entre o campo europeu e as terras do cacau. No auge da luta entre os Badaró e Horácio, o narrador conta que a moça do quadro tem o peito varado por uma bala. Trata-se de uma metonímia que destaca a violência local ligada à exploração do cacau, e também sugere que não havia lugar para delicadeza nesse ambiente.

Destinos paralelos mostram a relação entre economia, política e comportamento humano. Jorge Amado mostra como civilização e barbárie se mesclaram na formação da sociedade no sul da Bahia. Antônio Vítor e o advogado dr. Virgílio ilustram isso. Um passa de lavrador a capanga; o outro se embrutece, esbofeteando Margot, a amante que, por amor, migra para Tabocas com ele:

Falou de novo do erro dele ter se metido ali, sacrificando o seu futuro e a vida dela. [...]

— Tu me trata como uma escrava. Se toca para Ilhéus, me larga aqui. Depois vem com essa história de ciúme. Conversa fiada.

Juca Badaró vive pelo beijo me mandando recado... E eu feito besta por tua causa e tu o que quer é se tocar pra Ilhéus, atrás com certeza de alguma tabaroa rica pra casar pelo dinheiro dela...

Virgílio virou as costas da mão, bateu com ela na boca da mulher. O sangue correu do beijo partido [...]

Ele se comoveu também. E se admirava do seu gesto bruto. [...] Também sobre ele, ser civilizado de outra terra, pesava o clima da terra do cacau.

O processo de transformação abordado em *Terras do sem-fim* é similar aos ciclos econômicos que marcaram a história do Brasil: os ciclos da cana-de-açúcar, do ouro, do café etc. Ao abordar um desses ciclos, o romance faz um registro ficcional da formação da sociedade brasileira. O leitor observa o quanto de violência, injustiça, corrupção e vícios políticos compõem, junto com as ações grandiosas de desbravadores e aventureiros, a história da sociedade brasileira. É o que ocorre com uma conquista democrática, como a eleição, que, nesse contexto, também se torna palco de ambigüidade e contraste, embora o romance anuncie que “certo jornal da Bahia” já chamara Tabocas, futura Itabuna, de “centro de civilização e progresso”. Eis como a esse progresso se superpõe o patriarcalismo quase feudal:

Os habitantes de Tabocas tinham uma grande reivindicação: que o povoado fosse elevado à categoria de cidade e fosse sede de governo e de justiça [...] Mas como Tabocas respondia politicamente a Horácio, sendo ele o maior fazendeiro das proximidades, o governo do estado não atendia ao apelo dos moradores. [...] Tabocas continuava um povoado do município de São Jorge dos Ilhéus.

Em Tabocas quem era amigo e eleitor de Horácio mantinha sempre uma atitude de hostilidade em relação aos amigos e eleitores dos Badarós. Nas eleições havia barulhos, tiros e mortes. Horácio ganhava sempre e sempre perdia porque as urnas eram fraudadas em Ilhéus. Votavam vivos e mortos, muitos votavam sob a ameaça dos cabras. Nesses dias Tabocas se enchia de jagunços que guardavam as casas dos chefes políticos locais.

Nesses trechos, o conflito entre os legítimos anseios da população por justiça e as violentas arbitrariedades dos coronéis reitera o processo contraditório da formação social do Brasil na região cacauceira da Bahia. Em *Gabriela, cravo e canela*,

ambientado em 1925, em Ilhéus, o enfoque será o ocaso desse coronelismo, não sem que o narrador justifique que foi de tal conflito entre “sangue e coragem”, que progrediu a região sul da Bahia.

Escrito em 1969, em plena ditadura militar, *Tenda dos Milagres* é construído em dois planos temporais alternados: um que narra a vida de Pedro Archanjo (1869-1943), mestiço pobre que se transforma em pesquisador da formação étnica e cultural da Bahia; outro que narra a história da “redescoberta” da obra de Archanjo, em 1969, pela imprensa e os intelectuais, a partir do impacto dos elogios de um professor universitário norte-americano.

O romance critica o racismo, alternando passado e presente. Acompanha a vida e as idéias de Pedro Archanjo na primeira metade do século xx e também o seu resgate, em 1969, por periódicos, estudiosos e instituições políticas brasileiras, alguns deles bastante oportunistas.

Duas posições estão em jogo: de um lado, a racista; de outro, a que defende a integração racial e cultural. Esta última a de Archanjo, intelectual autodidata que emerge do povo e afronta as idéias racistas da época, escrevendo quatro livros: *A vida popular na Bahia*; *Influências africanas nos costumes da Bahia*, *Apontamentos sobre a mestiçagem nas famílias baianas* e *A culinária baiana — Origem e preceitos*. Isso lhe custa o emprego de bedel na Faculdade de Medicina e o coloca na mira da polícia. Observe a perspicácia do herói diante do vilão Nilo Argolo (professor racista inspirado em **Gobineau**), cujo preconceito é explicitado, na fala mais longa, pela crítica a manifestações culturais, hoje vistas como patrimônio valioso. No final, note o tom irônico de Archanjo:

— Foi você quem escreveu uma brochura intitulada *A vida...*

— ... *popular da Bahia...* — Archanjo superara a humilhação inicial, dispunha-se ao diálogo. — Deixei um exemplar para o senhor na secretaria.

— [...] Em que se baseia para defender a mestiçagem e apresentá-la como solução ideal para o problema de raças no Brasil? Para atrever-se a classificar de mulata nossa cultura latina? Afirmção monstruosa, corruptora.

— Baseio-me nos fatos, senhor professor.

— [...] Você confunde batuque e samba, horrídeos sons, com música; abomináveis calungas, esculpidos sem o menor respeito às leis da estética, são apon-

JOSEPH-ARTHUR GOBINEAU (1816-82), diplomata francês, escritor, etologista e filósofo. Escreveu *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, influenciando políticas racistas. Segundo sua visão determinista, a mistura de raças causaria degenerescência física e intelectual na espécie humana.

tados como exemplos de arte; ritos de cafres têm, a seu ver, categoria cultural. [...]. Ouça: isso tudo, toda essa borra, proveniente da África, que nos enlameia, nós a varreremos da vida e da cultura da pátria, nem que para isso seja necessário empregar a violência.

— Quem sabe, matando-nos a todos... um a um, senhor professor.

Tenda dos Milagres, como outras obras de Jorge Amado, também articula as perspectivas do sociólogo e do antropólogo com a do ficcionista, esboçando um painel da estrutura social para nele inserir diálogos que desvendam a particularidade dos conflitos humanos. No trecho acima, além do pensamento dos dois interlocutores, fica visível o modo amadiano de compor personagens. Na fala do professor, sobressaem a rigidez, a inflexibilidade, o autoritarismo e o tom desrespeitoso, como acentuam as passagens que se seguem: “atrever-se a classificar de mulata a nossa cultura latina? Afirmação monstruosa, corruptora”; “nós a varreremos da vida e da cultura da pátria, nem que para isso seja necessário empregar a violência”. Quanto ao herói, o narrador informa: “dispunha-se ao diálogo”. E passa-lhe a palavra, para fundamentar seus argumentos: “Baseio-me nos fatos, senhor professor”.

No candomblé, Pedro Archanjo é Ojuobá, os olhos de Xangô, orixá da justiça que lhe manda “tudo ver, tudo saber, tudo escrever”. O narrador o valoriza, pois ele defende a cultura popular e a mistura de etnias e culturas típica do Brasil. Isso se reflete nas atividades realizadas na Tenda dos Milagres, espaço ficcional situado no Pelourinho, que dá nome ao livro:

No amplo território do Pelourinho, homens e mulheres ensinam e estudam. Universidade vasta e vária, se estende e ramifica [...] em todas as partes onde homens e mulheres trabalham os metais e as madeiras, utilizam ervas e raízes, misturam ritmos, passos e sangue; na mistura criaram uma cor e um som, imagem nova, original.

Na Tenda dos Milagres, ladeira do Tabuão, 60, fica a reitoria dessa universidade popular. Lá está mestre Lídio Corró riscando milagres, movendo sombras mágicas, cavando tosca gravura na madeira; lá se encontra Pedro Archanjo, o reitor, quem sabe? Curvados sobre velhos tipos gastos e caprichosa impressora, na oficina arcaica e paupérrima, compõem e imprimem um livro sobre o viver baiano.

Ali bem perto, no Terreiro de Jesus, ergue-se a Faculdade de Medicina e nela igualmente se ensina a curar doenças, a cuidar de enfermos. Além de outras matérias: da retórica ao soneto e suspeitas teorias.

O tom irônico da frase final, agora, está na voz do narrador, acendendo a curiosidade do leitor sobre o que seriam “outras matérias” e “suspeitas teorias”. O contraste espacial entre a Tenda dos Milagres, centro de cultura popular, e a Faculdade de Medicina, núcleo do saber científico vinculado às elites e ao poder do Estado, estende-se, assim, à oposição entre a transparência do espaço popular e a ambigüidade da instituição erudita. Esse contraste apóia a construção do conflito dramático do texto, também estruturado em dois planos: no passado, a luta entre as idéias de duas correntes: as do herói Pedro Archanjo (anti-racistas, pró-mestiçagem) e as do vilão Nilo Argolo (racistas); no presente, a tensão entre a divulgação e o silenciamento das idéias e da história de Pedro Archanjo, no resgate promovido pela imprensa, a universidade e o governo em 1969.

O segundo conflito é exemplificado pela reunião da comissão responsável pelo centenário de Pedro Archanjo, formada por Zezinho Pinto, dono do *Jornal da Cidade*, pelos “presidentes do Instituto Histórico e Geográfico e da Academia de Letras, os diretores da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Filosofia, a secretária do Centro de Estudos Folclóricos, o superintendente do Turismo, e o gerente-geral para a Bahia da Doping Promoção e Publicidade S.A.”. Na reunião, o seminário “A democracia racial brasileira e o apartheid — Afirmção e negação do humanismo” sofre censura do “dr.” Zezinho:

— Exatamente, meu caro professor e amigo, exatamente esses argumentos que para o senhor indicam a oportunidade do seminário, são os mesmos que, a meu ver, o transformam num perigo, num sério perigo.

— Perigo? — interpunha-se agora Calazans. — Não vejo onde.

— Perigo e grande. Esse seminário, com uma temática explosiva — mestiçagem e apartheid — é perigosíssimo foco de agitação [...]

— Pelo amor de Deus, doutor Pinto: os estudantes, inclusive os de esquerda, vão apoiar em massa o simpósio [...]

— Veja, professor [...] O perigo está exatamente no apoio estudantil. [...] Nada mais fácil do que transformar esse seminário de caráter científico em passeatas, manifestações de rua [...]



Com integrantes do afoxé Filhos de Gandhi na ladeira do Pelourinho, Salvador, 1985

Quer dizer que proibiram o seminário? — reincidiu a secretária do Folclore, sem medir palavras, no vício da fala popular, direta e simples.

Doutor Zezinho, mais refeito, levantou os braços:

— Ninguém proibiu nada, dona Edelweiss, pelo amor de Deus. Estamos numa democracia, ninguém proíbe nada no Brasil, faça-me o favor! Nós é que, agora, aqui, examinando o assunto, à base de novos dados, decidimos — nós, a comissão executiva e mais ninguém — suspender o seminário. Nem por isso, no entanto, deixaremos de comemorar o centenário de Pedro Archanjo.

Note-se a afirmação: “Estamos numa democracia, ninguém proíbe nada no Brasil”. Ela é índice de dois silenciamentos: o primeiro, interno ao romance, refere-se ao resgate autêntico de Archanjo; o segundo, externo a ele, remete ao clima autoritário do país sob a ditadura militar, resultando irônico para o leitor atual que conhece a história e identifica a hipocrisia do personagem que “suspende o seminário”, mas não deixa de “comemorar o centenário” do herói, desde que segundo novas regras.

O tema da sociedade em formação em *Terras do sem-fim* e *Tenda dos Milagres* mostra o diálogo entre as fases sociológica e antropológica de Jorge Amado. O tema está presente também em *Gabriela, cravo e canela*, que retorna à sociedade cacauera do sul da Bahia com seus personagens típicos, abordando a maneira como as relações humanas no cotidiano evidenciam as diferenças sociais entre as pessoas. Assim como *Tereza Batista cansada de guerra* e *Tieta do Agreste*, o romance destaca uma heroína que enfrenta a mescla de civilização e barbárie que constitui a sociedade brasileira.

Em *Terras do sem-fim*, o panorama socioeconômico é um pano de fundo que revela uma época de conflitos e contrastes evidentes. De modo mais complexo, *Tenda dos Milagres* — considerando-se a data de sua publicação — aponta para um terceiro momento, o do Brasil sob a ditadura militar, no século XX, sugerindo a aproximação entre o clima autoritário decorrente da ação dos personagens racistas do livro e a atmosfera opressiva em que estava mergulhada a realidade brasileira em 1969. Nos dois casos, isso decorre da hábil combinação de perspectivas propostas pelo autor, que se desdobra em três: ficcionista, repórter e antropólogo.

LEITURAS SUGERIDAS

- “MANIFESTO REGIONALISTA”, de Gilberto Freyre. Espécie de carta de princípios dos escritores nordestinos que, nos anos 1930, dão novo rumo à literatura brasileira.
- O QUINZE, de Rachel de Queiroz. Aborda os conflitos entre o homem nordestino e a seca como um fenômeno cíclico que se estende por gerações. Essa visão do problema da seca presta-se à construção da psicologia dos personagens.
- SÃO BERNARDO e VIDAS SECAS, de Graciliano Ramos. O primeiro narra as memórias de Paulo Honório, homem pobre que, com trabalho, tramóias e violências, se torna um rico latifundiário. Após o suicídio da esposa, ele experimenta a solidão e a decadência econômica, revendo sua vida pregressa. O segundo acompanha a trajetória de uma família de retirantes, forçada pela seca e pela exploração do trabalho a migrar do sertão nordestino para o sul do país.
- FOGO MORTO, de José Lins do Rego. Narra a história do engenho Santa Fé, compondo um painel da vida na zona da mata paraibana. Aborda os conflitos que dividem os homens na ordem capitalista, que, na região, mescla estrutura social arcaica com progresso técnico e cria ciclos de fausto e decadência econômica.
- OS PASTORES DA NOITE e O SUMIÇO DA SANTA, de Jorge Amado. O primeiro aborda a vida e os costumes da cidade da Bahia e do Recôncavo Baiano. Destaca o sincretismo religioso, os tipos sociais (o malandro, a prostituta, o boêmio, a cafetina, o romântico incurável, a mãe-de-santo, o padre que visita terreiro etc.), e transforma orixás em personagens. O segundo trata do sincretismo entre o catolicismo e o candomblé. Narra um episódio incomum: uma imagem de santa Bárbara se transforma em Iansã, orixá dos raios, tempestades e paixões sensuais, e vai passear por Salvador, ajudando uma jovem mulher a libertar-se do puritanismo.

ATIVIDADES DE LINGUAGEM

COESÃO: UM DOS MECANISMOS DE TEXTUALIZAÇÃO

Todo texto constitui uma unidade de sentido, um todo coerente, articulado a uma situação e destinado a ser compreendido e interpretado pelo leitor. Um dos mecanismos de textualização que garantem a coerência do texto é a coesão.

Para estudar os processos de coesão no excerto abaixo de *Terras do sem-fim*, os alunos podem observar:

- A coesão seqüencial que contribui para estabelecer a articulação da progressão temática: a locução conjuntiva “apesar do que” estabelece a articulação entre as duas frases destacadas cujos conteúdos se opõem.
- A conjunção “quando” marca uma seqüência temporal, e a forma verbal “mostra-

ra”, no pretérito mais-que-perfeito, faz a correlação de tempo — um fato no passado distante, anterior a outro passado menos distante.

- Dois exemplos de coesão referencial por substituição, que consiste em estabelecer referência a um elemento do texto, retomando-o: o advérbio “ali” e o pronome “aqueles” se referem, respectivamente, a “porto” e “acampamento”, retomando esses itens já introduzidos no texto.

Os homens passavam, calçados de botas ou de botinas de couro grosso, a calça cáqui, o paletó de casimira, e por baixo deste o revólver. Homens de repetição a tiracolo atravessavam a cidade sob a indiferença dos moradores. Apesar do que já existia de assentado, de definitivo, em Ilhéus, os grandes sobrados, as ruas calçadas, as casas de pedra e cal, ainda assim restava na cidade um certo ar de acampamento. Por vezes, quando chegavam os navios abarrotados de imigrantes vindos do sertão, de Sergipe e do Ceará, quando as pensões de perto da estação não tinham mais lugar de tão cheias, então barracas eram armadas na frente do porto. Improvisavam-se cozinhas, os coronéis vinham ali escolher trabalhadores. Dr. Rui, certa vez, mostrara um daqueles acampamentos a um visitante da capital:

— Aqui é o mercado de escravos...

Em outro trecho de *Terras do sem-fim*, observar outro mecanismo coesivo — o da recorrência, que, embora retorne estrutura já empregada no texto, o faz de forma que o fluxo informacional avance. É o caso da repetição da estrutura “de cada” no fragmento que vem a seguir.

A árvore que influía em Ilhéus era a árvore do cacau, se bem não se visse nenhuma em toda a cidade. Mas era ela que estava por detrás de toda a vida de São Jorge dos Ilhéus. Por detrás de cada negócio que era feito, de cada casa construída, de cada armazém, de cada loja que era aberta, de cada caso de amor, de cada tiro trocado na rua.

O professor pode coordenar um trabalho coletivo de identificação de elementos de coesão em outro trecho de *Terras do sem-fim*, uma passagem que traz as reflexões de Sinhô Badaró paralelamente à expressão de impaciência de Juca Badaró. As articulações no interior desse trecho se dão por processos de coesão referencial e seqüencial.

Complete junto com os alunos o quadro com as informações solicitadas.

Os dois homens transpuseram a porta, o negro falou:

— Mandou chamar, coronel?

Juca Badaró ia dizer que [1] eles [2] entrassem, mas [3] o irmão fez um gesto com a mão que eles esperassem lá fora. Os homens obedeceram e sentaram num dos bancos

de madeira que estavam na varanda larga da casa-grande. [...] Sinhô Badaró, o chefe da família, descansava numa alta cadeira de braços, cadeira austríaca que contrastava não só [4] com o resto do mobiliário, bancos de madeira, cadeiras de palhinha, redes nos cantos, como também [4] com a rústica simplicidade das paredes caiadas. [...] Mas logo desviou os olhos e [5] fitou o único quadro da parede, uma reprodução oleográfica de uma paisagem de campo europeu. [...] Pastores tocavam uma espécie de flauta e uma camponesa, loira e linda, bailava entre as ovelhas. [...] Bem diferente era esse [6] campo deles [7]. Essa [8] terra do cacau. Por que não haveria de ser assim também como esse campo europeu? Mas Juca Badaró andava impaciente de um lado para outro, esperava a decisão do irmão mais velho [9]. A Sinhô Badaró repugnava ver correr sangue de gente. No entanto [10] muitas vezes tivera que tomar uma decisão como [11] a [12] que Juca esperava naquela tarde.

	ITEM	MECANISMO DE COESÃO	SENTIDO/REFERÊNCIA
1	que	seqüencial	complementação
2	eles	referencial	refere-se a <i>homens</i>
3	mas	seqüencial	oposição
4	não só [...] como também		
5	e		
6	esse		
7	deles		
8	essa		
9	irmão mais velho		
10	no entanto		
11	como		
12	a		

OUTRAS ATIVIDADES

- ✓ Propor aos alunos que comparem as trajetórias do dr. Virgílio e de Antônio Vítor, personagens que migram para o sul da Bahia para enriquecer com o cacau. Verificar de que maneira eles se modificam, influenciados pelo contexto social.
- ✓ Dividir a classe em dois grupos: um lerá *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; outro, *O quinze*, de Rachel de Queiroz. Os grupos vão comparar esses romances com *Terras*

do sem-fim, observando de que modo o meio ambiente e a estrutura social favorecem ou limitam a ação dos personagens em cada uma das obras.

✓ Propor aos alunos um debate regrado sobre as posições ideológicas de Pedro Archanjo e de Nino Argolo. Explicar que, além de levá-los a ler o livro atentamente, a idéia é desenvolver tanto a comunicação oral quanto a capacidade de levantar e apresentar argumentos. Como preparação, haverá algumas atividades prévias:

a) eleger um moderador que deve dar a palavra e contar o tempo estabelecido para cada intervenção (dois a três minutos); sugerir que cada um dos grupos nomeie dois relatores que deverão anotar os pontos principais do debate etc.;

b) reler a obra, levantando e transcrevendo os trechos que ilustram as duas posições a serem confrontadas.

✓ Em seguida, vem o debate regrado propriamente dito, após o sorteio dos “partidos” entre os dois grupos em que a classe se divide. Cada um deles deve defender seus pontos de vista, com fundamentação em passagens da obra, mostrando as vantagens em relação à outra posição. Deve ficar claro que o fundamental é argumentar com base em fatos e idéias, respeitando a opinião dos colegas.

✓ Sugestões de filmes para comparação com os romances lidos:

a) romance *Terras do sem-fim* e filme *Vidas secas* (de Nelson Pereira dos Santos);

b) romance *Tenda dos Milagres* e o filme homônimo de Nelson Pereira dos Santos, ou *Xica da Silva*, de Cacá Diegues.

✓ Sugerir que observem como cada obra representa a relação entre personagens de diferentes classes sociais.

✓ Em complementação à atividade anterior, pedir que os alunos observem de que maneira a caracterização dos personagens, tanto ricos quanto desfavorecidos, é percebida pelo modo como se apresentam vestidos e calçados. Avaliar em que medida esse recurso contribui para sua caracterização. Selecionar um personagem para retratar num texto descritivo de dois parágrafos, evidenciando o aspecto analisado por meio da apresentação de detalhes.



manejaram o chicote quando o coronel era apenas um tropeiro de burros, empregado de uma roça no Rio do Braço. Aquelas mãos manejaram depois a repetição quando o coronel se fez conquistador da terra. Corriam lendas sobre ele, nem mesmo o coronel Horacio sabia de tudo que em Ilhéus e em Taboas, em ~~Sequeira Grande~~ ^{Palastima} e em Ferradas, em Agua Branca e em Agua Preta, se contava sobre ele e sua vida. As velhas beatas que rezavam a São Jorge na igreja de Ilhéus costumavam dizer que o coronel Horacio, de Ferradas, tinha, debaixo da sua cama, o diabo preso numa garrafa. Como o prendera era uma historia longa, que envolvia a venda da alma do coronel num dia de temporal. E o diabo, feito servo obediente, atendia a todos os desejos de Horacio, aumentava-lhe a fortuna, ajudava-o contra os seus inimigos. Mas um dia - e as velhas se persignavam ao dize-lo - Horacio morreria sem confissão e o diabo saindo da garrafa levaria a sua alma para as profundas dos infernos. Dessa historia o coronel Horacio sabia e ria dela, uma daquelas suas risadas curtas e secas, que amedrontavam mais que mesmo os seus gritos nas manhãs de raiva.

Outras historias se contavam e essas estavam mais proximas da realidade. O dr. Ruy, quando bebia demasiado, gostava de lembrar a defeza que certa vez fizera do coronel num ~~juizo~~ ^{processo} de ha muitos anos passados. Acusavam Horacio de tres mortes e de tres mortes barbaras. Dizia o processo que não contente de ter matado um dos homens, cortara-lhe as orelhas, a lingua, o nariz, e os ovos. O ~~juizo~~ ^{promotor} estava comprado, ~~estava ali para impromunciar o coronel.~~ ^{estava ali para impromunciar o coronel.} ~~tinha ido ali para absoluer o coronel.~~ Ainda assim o dr. Ruy pudera brilhar, ~~em tribuna, um lindo discurso,~~ ^{escrever uma defeza linda,} onde falara em "clamorosa injustiça", em "calunias forjadas por inimigos anonicos sem honra e sem dignidade". Um triunfo, uma daquelas defesas que o consagraram como um grande ~~advogado~~ ^{advogado}. Fizera o elogio do coronel, um dos fazendeiros mais prosperos da zona, homem que fizera levantar não só a capela de Ferradas,

Manuscrito de Terras do sem-fim